

Fruticultura

Maria de Fatima Vidal

Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural.
Coordenadora de Estudos e Pesquisas-ETENE/BNB.
fatimavidal@bnb.gov.br

Resumo: O Brasil é um dos maiores produtores mundiais de frutas; entretanto, detém pequena parcela do mercado internacional. Na área de atuação do BNB¹, a fruticultura possui elevada importância na geração de empregos no segmento patronal e de renda na agricultura familiar. A Região conta com condições de clima e de solos favoráveis ao cultivo de diversas espécies e com infraestrutura hídrica que viabiliza a irrigação. Para 2026, há relativa segurança hídrica nas bacias dos rios São Francisco e Parnaíba, bem como nas regiões abastecidas por grandes reservatórios. As culturas irrigadas respondem por grande parte do valor da produção, e o principal mercado é o interno. Há perspectivas de ampliação da competitividade das exportações após a efetivação do acordo Mercosul-União Europeia. No entanto, o conflito no Oriente Médio implicará em maiores custos de produção, além de gerar incertezas significativas para o comércio internacional.

Palavras-chave: Nordeste, frutas, produção, comercialização.

1 Cenário Global

A fruticultura comercial exige cada vez mais profissionalismo, pois o acesso aos mercados depende do atendimento a um conjunto de regulamentos estabelecidos pelos países importadores, o que pode resultar em barreiras não tarifárias. Como exemplo, destaca-se a necessidade de observar o Limite Máximo de Resíduos (LMR) de agrotóxicos específico para cada país, pois muitos não adotam os LMRs estabelecidos pelo *Codex Alimentarius*².

1 Nordeste, parte do território de Minas Gerais (Microrregiões: Janaúria, Janaúba, Salinas, Pirapora, Montes Claros, Grão Mogol, Bocaiuva, Capelinha, Araçuaí, Pedra Azul, Almenara, Teófilo Otoni, Nanuque, Guanhães e Governador Valadares) e parte do Espírito Santo (Microrregiões: Barra de São Francisco, Nova Venécia, Colatina, Montanha, São Mateus e Linhares).

2 Código alimentar estabelecido pela ONU através da FAO e OMS, com o intuito de proteger a saúde dos consumidores.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Rogério Sobreira Bezerra (Economista-Chefe) Allisson David de Oliveira Martins (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Biagio de Oliveira Mendes Junior, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Jackson Dantas Coêlho, Kamilla Ribas Soares, Maria de Fátima Vidal, Marta Maria Aguiar Sisnando Silva. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Marcos Falcão Gonçalves (Gerente Executivo), Carlos Henrique Alves de Sousa, Márcia Melo de Matos, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Breno Pereira Aragão, Rhian Erik Magalhães Barboza, Rodrigo Donato Paes e Tamires Pimentel Torres (Bolsistas de Nível Superior).

O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo. Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

De acordo com dados da FAO (2026)³, em 2024, foram produzidas 953 milhões de toneladas de frutas no mundo. A China foi o maior produtor global, com destaque no cultivo de maçã, citros, melão, pera e melancia. A Índia ocupou a segunda posição, sobressaindo-se na produção de banana, manga e mamão.

O Brasil, apesar de ser o terceiro maior produtor mundial de frutas, detém uma pequena parcela da produção (4,4%) e do mercado global, em 2024 respondeu por menos de 1,0% do valor das exportações. Entretanto, após a entrada em vigor do acordo UE-Mercosul, espera-se que os produtores brasileiros aumentem sua competitividade no mercado europeu ao longo dos próximos anos, já que o País deverá se igualar a importantes exportadores mundiais de frutas que já possuem isenção tarifária na União Europeia.

Em termos de valor, a União Europeia foi, em 2024, o maior importador e exportador mundial de frutas, respondendo por 34,2% e 29% respectivamente das importações e exportações globais, com destaque para a Espanha e os Países Baixos, sendo que este último é um importante entreposto comercial, reexportando produtos para outros países. Entre as frutas mais demandadas pela União Europeia estão citros, banana e uva.

Na sequência, aparece o Chile, que se consolidou como um dos principais exportadores globais de frutas, com 6,3% do valor das exportações em 2024. Os Estados Unidos também têm papel relevante, ocupando a posição de terceiro maior exportador e segundo maior importador. A demanda norteamericana concentra-se sobretudo em banana, uva e morango. Já a China destaca-se como um grande mercado consumidor de frutas tropicais (**Tabela 1**).

Tabela 1 – Mercado mundial de frutas frescas em 2024

Exportação			Importação		
País	US\$ 1.000	Part (%)	País	US\$ 1.000	Part (%)
União Europeia	31.848.008	29,1	União Europeia	42.005.535	34,2
Chile	6.928.587	6,3	EUA	17.745.169	14,5
EUA	6.610.897	6,0	China, continental	15.910.006	13,0
China, continental	5.357.700	4,9	Reino Unido	5.754.060	4,7
Tailândia	5.203.617	4,8	Canadá	4.489.388	3,7
Peru	4.767.777	4,4	Rússia	4.308.811	3,5
México	4.638.732	4,2	China, (Hong Kong)	3.043.553	2,5
África do Sul	4.181.540	3,8	Japan	2.160.075	1,8
Vietnam	3.901.551	3,6	Indonésia	1.596.646	1,3
Equador	3.870.095	3,5	Coreia do Sul	1.487.520	1,2
Selecionados	77.308.504	70,7	Selecionados	98.500.763	80,3
Demais	32.105.285	29,3	Demais	24.166.303	19,7
MUNDO	109.413.789	100,0	MUNDO	122.667.066	100,0

Fonte: FAO/FAOSTAT (2026).

Vale salientar que os mercados passam por um momento de intensa instabilidade. O conflito no Oriente Médio, iniciado em fevereiro de 2026, elevou o preço do petróleo, o que implicará aumento nos custos de produção agrícola em todo mundo devido ao encarecimento dos combustíveis, dos fertilizantes e da logística de transporte.

A região do Golfo Pérsico é estratégica para a produção de fertilizantes, especialmente ureia, pois concentra grande parte da produção mundial de gás natural que é a principal matéria-prima para a síntese de amônia - insumo base para a fabricação de ureia⁴. Como o Brasil depende fortemente da importação desse fertilizante, a produção agrícola nacional tende a ficar mais cara. Esse quadro foi agravado após a decisão da China de restringir as exportações de fertilizantes nitrogenados, potássicos e fosfatados, reduzindo a oferta global de insumos fundamentais para a agricultura.

³ Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação.

⁴ Fertilizante nitrogenado amplamente utilizado na agricultura em todo o mundo.

A disponibilidade e os preços dos fertilizantes nitrogenados devem demorar a voltar à normalidade, independentemente do término do conflito, pois importantes instalações de gás natural estão sendo destruídas no Oriente Médio.

2 Produção no Brasil e na Área de Atuação do BNB

As maiores áreas cultivadas com fruticultura no Brasil estão localizadas no Nordeste, que concentrou 53,5% da área plantada no País em 2024, seguido pelo Sudeste, com 25%. Os cultivos de cacau, laranja, banana, caju e coco ocupam as maiores extensões destinadas à fruticultura no Brasil.

As frutas de maior valor de produção (VP) em 2024 foram: a laranja (28,6%), com destaque para o Estado de São Paulo; a banana (16%), cultivada em todo o País; o cacau (15%), com forte presença no Pará e na Bahia e a uva (8,4%), produzida principalmente em Pernambuco e Rio Grande do Sul.

Na área de atuação do BNB a fruticultura desempenha papel relevante tanto na geração de divisas, quanto no abastecimento do mercado interno. Em termos de produção agrícola total, o cultivo de frutas é uma das atividades mais importantes na jurisdição do BNB, tendo respondido, em 2024, por 28,7% do valor da produção regional de todas as atividades agrícolas acompanhadas pelo IBGE.

As condições favoráveis de luminosidade, temperatura e umidade relativa do ar conferem à região uma vantagem comparativa em relação ao Sul e ao Sudeste do País para o cultivo de grande variedade de culturas. Além disso, a Região conta com diversos polos de irrigação onde a fruticultura é o carro-chefe. Existem também uma ampla variedade de espécies frutícolas adaptadas às condições locais e produzidas sob o regime de sequeiro.

Considerando as frutas acompanhadas pelo IBGE, a área de atuação do BNB concentrou, em 2024, 56,3% da área implantada, 30% da produção e 35,6% do valor da produção nacional da fruticultura.

Devido à grande extensão territorial e às diferentes condições climáticas, a área de atuação do BNB possui elevado potencial de desenvolvimento de uma fruticultura diversificada. Entretanto, em 2024, 53,7% da área total explorada com fruticultura na região foi ocupada por cajueiro e cacau, enquanto 63% do valor de produção foi gerado por cacau, banana, manga e uva (**Tabela 2**).

A pequena variedade de frutas cultivadas nessa área pode ser atribuída, entre outros fatores, às dificuldades de comercialização, à restrita assistência técnica para disseminar alternativas mais rentáveis e às limitações hídricas e de solo em grande parte do Semiárido.

Algumas frutas, embora tenham participação reduzida no valor total da produção frutícola da região, possuem elevada importância para os estados onde são cultivadas. Dentre elas, destacam-se:

- O abacaxi na Paraíba, que é a principal fruta cultivada no Estado, tendo sido responsável, em 2024, por 55% do valor de produção do setor. Nesse ano, a Paraíba respondeu por 51% da produção da fruta na área de atuação do BNB e por 20% da produção nacional. O abacaxi produzido no Estado se destaca pela sua elevada qualidade.
- O melão no Rio Grande do Norte, que representou 36% do total do valor da produção de frutas do Estado em 2024. O Rio Grande do Norte é o maior produtor nacional de melão, tendo sido, nesse ano, responsável por 63% da produção na área de atuação do BNB e por 62% da produção brasileira da fruta.
- A uva em Pernambuco, que respondeu por 58% do valor da produção do setor frutícola no Estado. Em 2024, Pernambuco foi responsável por 86% da produção de uva na área de atuação do BNB.
- A laranja em Sergipe, onde a fruta representou 62% do valor da produção da fruticultura em 2024. Nesse ano, o Estado respondeu por 36% da produção de laranja na área de atuação do BNB.
- O mamão nos municípios atendidos pelo BNB no Espírito Santo, que respondeu por 38% do valor de produção da fruticultura desenvolvida nessa região do Estado em 2024.

- O cacau na Bahia, que é a cultura frutícola de maior valor de produção no Estado, 29% do total do setor em 2023 e 47% em 2024, resultado da expressiva valorização do produto. A Bahia responde por mais de 90% da produção de cacau na área de atuação do BNB e por 46% da produção nacional.

Além de ser pouco diversificada, a fruticultura na jurisdição do BNB permanece concentrada nas regiões litorâneas, onde o volume de chuvas é mais elevado, e nos polos de irrigação. A área explorada com fruticultura nas serras úmidas ainda é pequena, apesar do elevado potencial dessas áreas para a produção de frutas de clima temperado. Há também grande potencial de expansão da atividade nos estados do Piauí e do Maranhão, onde existe elevada disponibilidade hídrica na bacia do rio Parnaíba.

De acordo com os dados mais recentes do IBGE, a área total cultivada com fruticultura, tanto irrigada quanto de sequeiro, na jurisdição do BNB alcançou, em 2024, aproximadamente 1,7 milhão de hectares, resultando na produção de 11 milhões de toneladas, com a geração de R\$ 35,5 bilhões em valor de produção, montante 44% superior ao registrado no ano anterior (Tabela 2),

Com exceção do mamão, todas as demais frutas apresentaram crescimento no valor de produção em 2024, com destaque para o cacau, que registrou um aumento de 178%, impulsionado pela restrita oferta mundial que elevou os preços.

Tabela 2 – Área plantada, produção e valor da produção, por fruta, na área de atuação do BNB entre 2020 e 2024

Culturas	Área cultivada (Em mil ha.)			Produção (Em mil ton)*			Valor da produção (R\$ Milhões)			Part %	Var %
	2022	2023	2024	2022	2023	2024	2022	2023	2024		
Permanentes	1.509,8	1.533,1	1.567,8	8.648	8.959	9.442	18.599,5	21.564,8	31.906,6	90,0	48,0
Cacau	439,6	440,9	444,2	148	151	149	2.146,7	2.537,1	7.052,7	19,9	178,0
Banana	216,8	217,9	227,2	3.102	3.090	3.190	5.275,0	5.656,7	6.914,1	19,5	22,2
Uva	12,5	15,1	19,3	427	660	879	2.074,1	2.644,9	5.342,5	15,1	102,0
Manga	63,4	65,8	71,7	1.367	1.486	1.568	1.764,8	2.813,9	3.067,8	8,7	9,0
Coco-da-baía*	166,7	164,0	164,8	1.575	1.690	1.873	1.256,9	1.248,3	1.905,8	5,4	52,7
Mamão	23,4	23,4	23,8	1.113	1.059	1.062	2.090,3	2.256,1	1.892,9	5,3	(16,1)
Laranja	98,2	96,6	95,7	1.243	1.230	1.237	992,8	1.113,4	1.823,5	5,1	63,8
Maracujá	33,5	34,6	35,7	511	521	552	1.344,9	1.611,3	1.759,2	5,0	9,2
Goiaba	10,9	11,3	11,9	289	296	284	556,2	649,5	707,7	2,0	9,0
Castanha-de-caju	423,7	441,1	449,3	146	127	159	587,1	451,0	687,6	1,9	52,5
Limão	13,7	14,4	15,7	209	225	239	321,3	360,8	418,5	1,2	16,0
Abacate	2,3	2,7	3,2	33	51	59	103,6	119,6	211,9	0,6	77,1
Tangerina	5,0	5,3	5,4	60	62	63	82,8	98,3	116,7	0,3	18,8
Demais	0,1	0,1	0,1	1	1	1	2,9	3,9	5,6	0,0	44,7
Temporárias	84,5	89,9	94,8	1.401	1.552	1.562	2.315,6	3.017,0	3.549,5	10,0	17,7
Abacaxi	21,9	22,5	23,0	563	592	591	863,6	1.121,9	1.462,7	4,1	30,4
Melancia	36,6	38,3	41,7	718	701	759	625,5	677,5	738,2	2,1	9,0
Melão	25,9	29,1	30,1	682	851	803	826,5	1.217,6	1.348,5	3,8	10,8
TOTAL	1.594,3	1.623,0	1.662,6	10.049	10.511	11.004	20.915,1	24.581,8	35.456,1	100	44,2

Fonte: IBGE (2026).

* O total da produção exclui abacaxi e coco que são expressos em mil frutos.

É importante destacar que o tamanho da área cultivada com fruticultura nem sempre guarda relação direta com o valor de produção gerado pela cultura. O cajueiro, por exemplo, que em 2024 ocupou 27% da área com fruticultura na jurisdição do BNB, respondeu por apenas 1,9% do valor da produção do setor. Por outro lado, a cajucultura exerce papel relevante na geração de renda no Semiárido no período mais seco do ano, quando as fontes de receitas agropecuárias nessa região são extremamente escassas.

Um dos fatores que contribuem para o baixo valor da produção da cajucultura é o desperdício do pedúnculo (caju), uma vez que quase toda a receita da atividade ainda provém da comercialização da castanha.

A fruticultura irrigada é responsável por grande parte do valor de produção do setor na área de atuação do BNB. A implantação de infraestrutura hídrica pelo poder público viabilizou a expansão da irrigação e permitiu a criação e consolidação de importantes polos de fruticultura no Semiárido, como os existentes em Pernambuco, no Norte de Minas Gerais, na Bahia, no Ceará e no Rio Grande do Norte. Os produtores que obtêm maior sucesso nesse segmento são, em geral, aqueles de maior porte e mais estruturados, pois dispõem de melhor acesso a inovações tecnológicas, além de conhecimentos técnico e de mercado.

Apesar do elevado potencial de geração de riquezas associado à fruticultura irrigada, é importante ressaltar que, devido às restrições hídricas e de solo, apenas uma pequena parcela da área do Semiárido é passível de irrigação. Na área de atuação do BNB, há cultivos de sequeiro com relevante impacto na geração de postos de trabalho, como o cultivo de cacau no Sul da Bahia e a cajucultura no Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte.

Bahia e Pernambuco são os estados responsáveis pelos maiores percentuais do valor da produção gerados pela fruticultura na área de atuação do BNB, com 39% e 21%, respectivamente, em 2024 (**Gráfico 1**). A Bahia destaca-se tanto no plantio irrigado quanto na produção de sequeiro e, nesse ano, foi o maior produtor regional de banana (26,3%), laranja (48,9%), manga (53,9%), maracujá (47,8%), limão (36,5%) e melancia (30,6%), além de responder por 92% da produção de cacau da área de atuação do BNB.

Pernambuco é o maior produtor regional de uva (85,9%) e goiaba (67%), além de ser o segundo maior produtor de manga (34,5%). Nos dois estados, o cultivo de fruteiras irrigadas concentra-se na Bacia do Rio São Francisco, especialmente no Polo Petrolina/Juazeiro, cujo desenvolvimento está associado, entre outros fatores, ao empresariado agrícola detentor de capital e de conhecimento. Além disso, a Embrapa desempenha papel fundamental na região, ao gerar tecnologias adaptadas às condições de clima e de solos locais. A intensificação do uso de tecnologia nos cultivos irrigados na área de atuação do BNB tem sido fundamental para otimizar recursos como água e energia, além de aumentar a produtividade e a qualidade das frutas.

O Polo Petrolina/Juazeiro, respondeu, em 2024, por 47% da produção nacional de uva, 54% da manga e 31% da goiaba. Além dos polos de irrigação existentes na Bahia e em Pernambuco, a região hidrográfica do São Francisco também contempla importantes perímetros irrigados em Sergipe, Alagoas e Minas Gerais.

Fora da Bacia do São Francisco, o Ceará e o Rio Grande do Norte se destacam no cultivo de frutas irrigadas. O Ceará respondeu, em 2024, pelo terceiro maior valor de produção da fruticultura na Região (10%), com participação expressiva na produção regional de maracujá (29%) e coco (31%). Já o Rio Grande do Norte contribuiu com 7% do valor de produção do setor e destacou-se na produção de melão (63%) e melancia (18%).

Nesses estados, existem ainda, vastas áreas de sequeiro cultivadas com cajueiro: 282,6 mil hectares no Ceará e 62,2 mil no Rio Grande do Norte. Vale ressaltar que a área perdida com cajueiro em decorrência da seca ocorrida entre 2012 e 2017 ainda não foi totalmente recuperada. Em 2024, a área plantada com a cultura foi 30% inferior à existente em 2012 no Ceará e 52% inferior no Rio Grande do Norte.

O Piauí também sofreu grande perda de área cultivada com cajueiro nesse período. Em 2024, a área ocupada com a cultura no Estado foi 56% inferior à de 2012; mesmo assim, o Piauí respondeu por 16% da produção de castanha-de-caju da área de atuação do BNB nesse ano. A melancia é outra cultura importante para a geração de renda e de postos de trabalho no Estado. Grande parte da área cultivada com essa cultura é irrigada e está concentrada nas microrregiões de Campo Maior, Teresina, Médio Parnaíba Piauiense e Baixo Parnaíba Piauiense.

Na região de Minas Gerais atendida pelo BNB, a fruticultura irrigada se tornou um dos principais segmentos agrícolas. Essa região respondeu, em 2024, por 6% do valor da produção do setor na área de atuação do BNB. Parte do avanço e da consolidação da atividade em Minas Gerais deve-se à organização dos produtores.

A principal fruteira cultivada nessa região é a bananeira, que, em 2024, respondeu por 63% do valor da produção da fruticultura do Norte de Minas, Jequitinhonha e Vale do Mucuri. A bananicultura nessa região é conduzida em sistema irrigado, e os plantios se concentram na microrregião de Janaúba, onde se localizam os perímetros de irrigação Jaíba, Lagoa Grande e Gortuba. Destacam-se, ainda, os cultivos de manga, limão, laranja e mamão, que foram, responsáveis, em 2024, por 7,4%, 6%, 7% e 6,5% respectivamente, do valor da produção da fruticultura nessa região.

Está sendo observado na Região uma tendência de expansão do cultivo de cacau. De acordo com levantamento realizado pela Emater-MG, em 2025 a cultura ocupou 480 hectares no Norte de Minas, com perspectivas de produção anual de 161 toneladas. O cacau vem sendo plantado em consórcio com a bananeira, que é irrigada. Os maiores produtores na região são os municípios de Jaíba (256 ha), Janaúba, (126ha), Bandeira (64 ha) e Matias Cardoso (25 ha). Uma das principais dificuldades enfrentadas pelos produtores é a aquisição de mudas.

O Espírito Santo responde por um pequeno percentual do valor de produção de frutas na jurisdição do BNB (6%), mas é um importante produtor de mamão do País. Em 2024, os municípios do Estado atendidos pelo BNB no Estado foram responsáveis por 34,5% da produção nacional da fruta, com destaque para as microrregiões de Montanha e São Mateus e para o município de Linhares. Em 2024, o mamão representou 38% do valor de produção com fruticultura no Espírito Santo. Cacau, banana e coco também se destacaram como frutas de expressiva importância econômica para o Estado naquele ano, tendo respondido por 25%, 17% e 13%, respectivamente, do valor da produção da fruticultura na área de atuação do BNB no Espírito Santo.

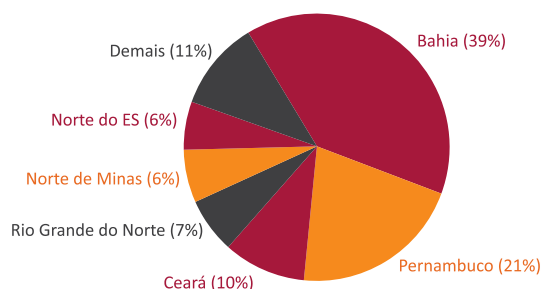
A participação de Alagoas no valor da produção da fruticultura na área de atuação do BNB foi de apenas 2,3% em 2024. Entretanto, o Estado contribuiu com 9% do valor de produção do abacaxi e da laranja da região. A produção de laranja está concentrada nas microrregiões Serrana dos Quilombos e Mata Alagoana, enquanto a de abacaxi se destaca na Mata Alagoana, em Arapiraca e no Litoral Norte Alagoano. Alagoas apresenta a particularidade de cultivar predominantemente laranja lima (laranja doce de baixa acidez destinada ao consumo *in natura*), enquanto nos demais estados da área de atuação do BNB é mais comum o plantio de laranja-pera.

Sergipe respondeu, em 2024, por apenas 3,3% do valor da produção de frutas da área de atuação do BNB. Contudo, concentrou 33% da área, 36% da produção e 39,4% do valor de produção de laranja da Região. O Sul de Sergipe e o Norte da Bahia compõem, atualmente, o segundo polo citrícola do País; em 2024, esses dois estados foram responsáveis por 85% da produção de laranja da área de atuação do Banco. O coco também é uma cultura importante para o Estado, respondendo por 12% da área, 8% da produção e 9,2% do valor da produção da Região, com destaque para as microrregiões de Estância, Japarutuba, Propriá e Baixo Cotinguiba.

A Paraíba participou, em 2024, com 3,5% do valor de produção de frutas na área de atuação do BNB; entretanto, é o maior produtor nacional de abacaxi. Na jurisdição do BNB, o Estado concentrou 41% da área, 51% da produção e 46% do valor da produção dessa cultura em 2024. A produção de abacaxi está localizada principalmente nas microrregiões de Guarabira, Litoral Norte e Litoral Sul, enquanto a tangerina se destaca na microrregião do Brejo Paraibano. O Estado também possui relevância na produção regional de tangerina, tendo respondido, em 2024, por 28% do valor de produção da cultura na Região.

O Maranhão, apesar de possuir melhores condições de solos, maior disponibilidade hídrica para irrigação e maior volume de chuvas em comparação aos estados situados no Semiárido, detinha, em 2024, menos de 1% do valor de produção de frutas da Região. As frutícolas de maior expressão no Estado são a banana, cultivada nas microrregiões de Imperatriz e Porto Franco; o abacaxi, concentrado na microrregião de Presidente Dutra; e a melancia, predominante na Baixada maranhense.

Gráfico 1 – Percentual do valor de produção de frutas na área de atuação do BNB, por estado em 2024



Fonte: IBGE (2026).

*Mesorregiões: Norte de Minas, Vale do Jequitinhonha e Vale do Mucuri

**Microrregiões: Barra do São Francisco, Nova Venécia, Colatina, Montanha, São Mateus e parte de Linhares e de Santa Teresa.

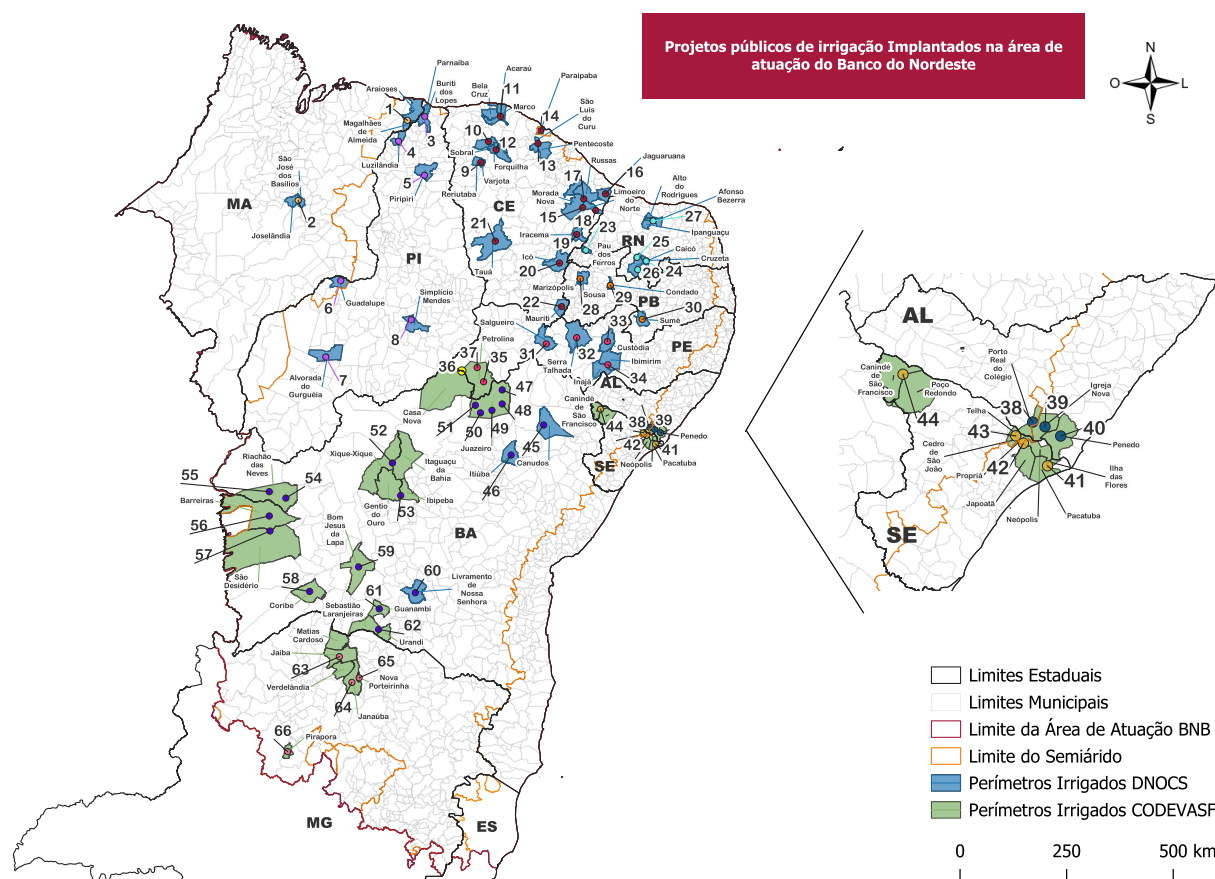
Com relação às condições de disponibilidade de água para irrigação na área de atuação do BNB em 2026, ainda existe relativa segurança hídrica nas bacias do São Francisco e do Parnaíba, bem como nas regiões abastecidas por grandes reservatórios, como ocorre no Ceará e no Rio Grande do Norte. Em março de 2026, o Ceará detinha aproximadamente 43% de sua capacidade de armazenamento (7,9 bilhões de metros cúbicos), enquanto o Rio Grande do Norte registrava 40% (2,0 bilhões de metros cúbicos).

Na Bahia e em Pernambuco, a maior parte da fruticultura irrigada está localizada na Bacia do São Francisco, que apresenta maior segurança hídrica por receber água de fora do Semiárido. Em março de 2026, o reservatório de Sobradinho registrava 84,2% do seu volume útil. Porém, inspira atenção a baixa disponibilidade hídrica para irrigação na Paraíba e no Agreste e Sertão de Pernambuco, em razão do reduzido volume dos seus reservatórios no início de 2026.

Para a fruticultura de sequeiro, as incertezas são maiores, uma vez que o NOAA⁵ (2026) indica uma probabilidade de 55% de transição de La Niña para condições de ENSO neutro em abril de 2026, com manutenção desse padrão entre maio e julho. Esse cenário pode resultar em volumes de chuva abaixo da média em grande parte do Semiárido.

⁵ National Oceanic and Atmospheric Administration dos EUA.

Figura 1 – Localização dos perímetros públicos de irrigação implantados na área de atuação do BNB



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE com base em dados do DNOCS (2012) e CODEVASF (2026).

3 Comercialização

A maioria dos fruticultores na área de atuação do BNB é composta por pequenos produtores e está sujeita às condições de mercado. Assim, grande parte das frutas produzidas nessa região é comercializado para intermediários, que distribuem os produtos para agroindústrias, redes atacadista e varejistas. O intermediário desempenha um papel importante, especialmente para o pequeno fruticultor, ao viabilizar o escoamento da produção. Entretanto, Santos et al. (2007), alertam que há conflitos recorrentes entre esses elos da cadeia, envolvendo desde a formação de preços e as formas de pagamento até exigências de fidelização do produtor ao intermediário.

A comercialização direta de frutas para agroindústrias é baixa na área de atuação do BNB; além disso, predomina no mercado interno o consumo de frutas *in natura*. Segundo Santos et al. (2008), as agroindústrias do Nordeste estão voltadas, principalmente, para o beneficiamento da castanha-de-caju; produção de sucos e polpa de frutas e para a atividade de *packing house*, sobretudo para manga, uva de mesa, limão, melão, melancia e banana. Também se destaca na Região a fabricação de vinhos no Vale do São Francisco, o processamento do coco em Alagoas, Ceará e Paraíba e o beneficiamento do cacau na Bahia.

A maior parte da produção nordestina de frutas é destinada ao mercado interno. Em 2024, o limão, o melão, a castanha de caju (amêndoa), a manga e a melancia foram as frutas com maior percentual de produção exportada (**Gráfico 2**).

No Espírito Santo e em Minas Gerais, o cenário é semelhante, pequena parcela da produção de frutas é enviada ao exterior. No Espírito Santo, apenas 5% da produção de mamão foi exportada em 2024; por outro lado, o Estado registrou um percentual expressivo de exportações de limão, alcançando 17,2% da sua produção.

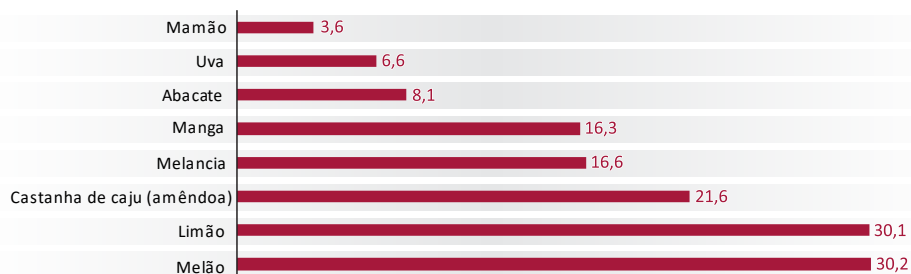
Diversos fatores podem ser apontados como causa do baixo desempenho das exportações de frutas na área de atuação do BNB. Entre eles destacam-se: barreiras comerciais e fitossanitárias; falta de padronização e certificação dos produtos; baixo nível de conhecimento por parte do produtor sobre os procedimentos necessários para exportar; concorrência com outros países e carência de infraestrutura, como a insuficiência ou até mesmo a ausência de *packing houses*. Além disso, o acesso ao mercado externo exige elevada eficiência operacional por parte do setor, de modo a garantir a regularidade da oferta e a qualidade dos produtos.

Há também que se considerar que o comércio internacional de frutas é dominado por grandes companhias de comercialização (*trading companies*), que dispõem de estruturas eficientes de pós-colheita, armazenamento e distribuição, além de conhecimento e poder de mercado. Por outro lado, o mercado interno é amplo e pouco exigente; dessa forma, os médios e pequenos produtores não se sentem motivados a exportar.

Além de apenas uma pequena parcela das frutas nordestina ser exportada, poucos tipos são comercializados no comércio externo. Em 2025, melão, manga, uva e melancia responderam por 79,3% do valor total das exportações de frutas do Nordeste. O melão é exportado quase que integralmente pelo Rio Grande do Norte e pelo Ceará; as exportações de manga e uva são realizadas quase exclusivamente por Pernambuco e Bahia; e o Rio Grande do Norte é responsável pela maior parte das exportações de melancia.

Em menor proporção, também são relevantes para a pauta de exportação nordestina de frutas, a castanha-de-caju (amêndoa), responsável por 7,3% do faturamento em 2025, e os limões e limas, com participação de 6%. O Ceará é o principal exportador de castanha-de-caju, respondendo por 94% do volume exportado pelo Nordeste em 2025. Já a Bahia e Pernambuco são os principais exportadores de limões e limas.

Gráfico 2 – Percentual da produção nordestina de frutas exportada em 2024



Fonte: BRASIL (2026), IBGE (2026).

Em 2025, a fruticultura nordestina gerou aproximadamente US\$ 1 bilhão em divisas, valor 15,2% superior ao registrado em 2024 (**Tabela 3**), apesar das tarifas impostas ao setor pelos Estados Unidos. Melão, melancia e castanha de caju, exportadas principalmente pelo Ceará e Rio Grande do Norte, foram os produtos que apresentaram o maior crescimento, tanto em valor quanto em quantidade exportada.

Tabela 3 – Valor das exportações Nordestinas de frutas (inclui nozes e castanhas), por estado (Mil US\$)

Estados	2021	2022	2023	2024	2025	Part (%)	Var (%)
Bahia	193.218	163.744	253.650	240.132	227.752	26,7	-5,2
Ceará	178.091	142.296	162.599	134.562	195.755	14,9	45,5
Pernambuco	247.698	200.231	298.921	312.180	329.927	34,7	5,7
Rio Grande do Norte	167.447	163.915	203.044	203.492	271.460	22,6	33,4
Demais estados	6.606,5	7.153,5	11.306,3	10.243,2	12.377,8	1,1	20,8
NORDESTE	793.061	677.340	929.520	900.609	1.037.273	100,0	15,2

Fonte: BRASIL (2026).

A União Europeia é o maior importador de frutas do Brasil. Em 2025, o bloco foi responsável por aproximadamente 60% do faturamento das exportações brasileiras e por 62% das exportações do Nordeste, tendo os Países Baixos como principal destino. Nesse ano, os Países Baixos receberam 42% do volume total exportado de melão, 50% da manga, 46% da uva, 49% da melancia e 88% de limões e limas. O porto de Rotterdam destaca-se como principal complexo de cargas da Europa, funcionando como um polo de distribuição de mercadorias.

Há perspectivas de expansão da participação das frutas nordestinas no mercado europeu, pois, no início de 2026, foi assinado o Acordo de Livre Comércio entre o Mercosul e a União Europeia. O acordo prevê a redução de tarifas comerciais e possui potencial para incentivar investimentos, além de integrar um mercado de aproximadamente 700 milhões de pessoas, formando uma das maiores áreas de livre comércio do mundo.

O tratado ainda deverá ser ratificado por todos os Estados-Membros da União Europeia, em conformidade com seus respectivos procedimentos nacionais, bem como pelos congressos nacionais de cada país integrante do Mercosul. Mas, as expectativas são de que, após a efetivação do Acordo, as exportações de frutas do Nordeste ganhem competitividade na União Europeia, pois o Brasil passará a competir em condições tarifárias semelhantes às de seus principais concorrentes nos envios ao Bloco, como Peru, Chile e México. Para uvas frescas de mesa, haverá retirada imediata das tarifas após a entrada em vigor do acordo, enquanto outras frutas terão suas taxas zeradas gradualmente ao longo de 7 a 10 anos. No caso do abacate, a tarifa será removida em até quatro anos; melão, melancia, limões e limas em até 7 anos; suco de laranja e maçã, em até 10 anos.

O Reino Unido, por sua vez, recebeu em 2025 percentuais expressivos das exportações nordestinas de melão (24%), uva (24%) e melancia (42%). A Espanha foi o terceiro destino mais relevante para as frutas do Nordeste, absorvendo 27% e 15% do volume exportado de melão e manga, respectivamente.

No mercado americano, diversas frutas brasileiras ficaram fora da lista de isenções tarifárias e tiveram sua competitividade reduzida em 2025. No início de 2026, a Suprema Corte americana considerou ilegal a política tarifária dos Estados Unidos. Após a decisão, foram anunciadas novas tarifas globais sobre todos os produtos importados pelos EUA, inicialmente de 10% e, logo depois, de 15%, denotando elevada instabilidade nesse mercado. Ainda assim, a competitividade de frutas como uva, melão e melancia, que vinham sendo taxadas em 50%, tende a aumentar.

Os Estados Unidos continuam como importante destino para a castanha-de-caju, com 15% do volume e 20% do faturamento das exportações em 2025. No entanto, houve crescimento dos envios para outros países, como Egito, Argentina, Alemanha e Canadá.

As importações nordestinas de frutas são pouco relevantes. Em 2025, a Região registrou dispêndio de US\$ 94,2 milhões com importações, enquanto o faturamento com as exportações de frutas alcançou US\$ 1 bilhão no mesmo ano. As principais frutas importadas pelo Nordeste são de clima temperado, como maçãs e kiwis provenientes de países da União Europeia e do Chile, peras da Argentina e morango do Egito. Também chama a atenção a importação de castanha-de-caju da Costa do Marfim.

Em 2026, o início da guerra no Oriente Médio surgiu como mais um fator de incerteza, pois implicará maiores custos de produção e logísticos para todos os setores agropecuários.

O principal reflexo da guerra no setor da fruticultura está relacionado ao aumento dos custos de produção, especialmente combustíveis e fertilizantes, e do valor do frete, tanto para escoamento da produção no mercado interno quanto para as exportações.

O conflito ameaça o fornecimento e o preço da ureia, o que pode encarecer a produção agrícola, visto que o Brasil importa grande parte dos fertilizantes que consome. O cenário deverá ser agravado pela decisão da China de proibir a exportação de fertilizantes à base de nitrogênio e potássio para proteger seu mercado interno. O país é um grande fornecedor desse insumo para o Brasil.

As exportações de frutas não devem ser afetadas severamente no curto prazo, pois o principal destino é a União Europeia. Além disso, a principal janela de exportação de manga e uva ocorre no segundo semestre do ano.

Entretanto, a maior incerteza e a aversão global ao risco tendem a prejudicar o comércio e o crescimento econômico mundial, podendo criar um ambiente de estagnação econômica combinada com crescimento da inflação. Esse quadro pode resultar em queda da demanda internacional e doméstica.

Também podem surgir dificuldades logísticas para a exportação, pois o conflito está elevando o seguro marítimo e o custo do frete, tanto nas exportações quanto no transporte rodoviário dentro do país, o que afeta o custo de escoamento da produção também no mercado interno. Além disso, os navios de carga estão sendo obrigados a seguir rotas mais longas. Esse cenário pode reduzir a disponibilidade de contêineres e provocar a perda de janelas de embarque nos portos, gerando prejuízos, principalmente para a exportação de produtos perecíveis.

4 Tendências e Perspectivas

- O consumidor, especialmente nos países desenvolvidos, tende a intensificar a busca por alimentos considerados saudáveis, de alta qualidade e minimamente processados, apresentados em embalagens práticas e em pequenas porções, que possam ser consumidos de forma rápida. Esse comportamento representa um nicho importante de mercado para a fruticultura.
- Cresce, em âmbito global, a exigência por redução de resíduos nos alimentos. Nesse sentido, é fundamental ampliar os esforços para adequar os sistemas de produção às imposições dos mercados, especialmente no que se refere ao controle de pragas e doenças.
- Há perspectivas de aumento da competitividade das frutas brasileiras e nordestinas no mercado europeu após a efetivação do Acordo de Livre Comércio entre o Mercosul e a União Europeia.
- A eliminação do “tarifaço” imposto pelos Estados Unidos pode favorecer as exportações de frutas, como melão, melancia e uva, anteriormente taxadas em 50%. Entretanto, a instabilidade comercial nesse mercado permanece elevada.
- Em 2026, o início da guerra no Oriente Médio acrescentou mais incertezas ao cenário econômico, além de implicar maiores custos de produção e logísticos.
- Os maiores preços dos combustíveis, além de elevarem o custo do frete e do seguro para exportação, também aumentam o custo de escoamento da produção no mercado interno.
- No curto prazo, não se espera impacto significativo do conflito nas exportações nordestinas de frutas, pois o principal mercado da região é a União Europeia, e a janela de exportação mais importante para manga e uva ocorre no segundo semestre do ano.
- Entretanto, caso o conflito se prolongue, o cenário global pode caminhar para um quadro de estagnação (inflação elevada e baixo crescimento), com possibilidade de queda na demanda internacional, afetando também o mercado brasileiro.
- Na área de atuação do BNB, a fruticultura está concentrada no Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais. Entretanto, todos os estados da Região possuem potencial de expansão da produção de frutas. O Piauí e o Maranhão, por exemplo, contam com elevada disponibilidade hídrica para irrigação.
- Tem se observado a intensificação do uso de tecnologia nos cultivos irrigados de frutas na área de atuação do BNB, especialmente entre os produtores de maior porte.
- Atualmente, há segurança hídrica para irrigação nas bacias dos rios São Francisco e Parnaíba, assim como nas regiões atendidas por grandes reservatórios, a exemplo do Ceará e do Rio Grande do Norte. Entretan-

to, algumas regiões da Paraíba e áreas do Agreste e Sertão de Pernambucano, apresentam baixa disponibilidade hídrica, o que pode limitar a produção dependendo da evolução das chuvas em 2026.

- Vale ressaltar que há elevada probabilidade de transição de La Niña para ENSO neutro no primeiro semestre de 2006, o que pode resultar em volumes de chuvas abaixo da média no Semiárido. Os eventos climáticos extremos, como secas e ondas de calor, tendem a se intensificar na Região, aumentando o risco de queda na produtividade, na qualidade e na produção agrícola.
- As incertezas climáticas, aliadas aos problemas gerados pelo conflito no Oriente Médio, devem limitar a expansão da área destinada à fruticultura em 2026 na jurisdição do BNB. Os cultivos de sequeiro podem, inclusive, apresentar menor produtividade caso se consolide o cenário de baixo volume de chuvas.

Sumário Executivo – Fruticultura

<p>Considerações gerais: cenário mundial, produção nacional</p>	<p>O cenário mundial continua marcado por fortes incertezas comerciais e políticas, decorrentes de conflitos armados, polarizações políticas e eventos climáticos extremos. A guerra no Oriente Médio prejudicou o fluxo de grande volume de petróleo e gás, provocando forte elevação dos preços da energia e dos combustíveis em escala global, o que deverá afetar a atividade econômica e pressionar a inflação mundial. No caso do Brasil, os impactos do conflito já afetam o cenário econômico, alterando as projeções para o câmbio, a inflação, a taxa Selic e o desempenho do setor produtivo, com possibilidade de intensificação na medida em que a guerra se prolongue.</p>
<p>Política cambial</p>	<p>O regime cambial vigente no Brasil é o flutuante, mas, por sofrer intervenções do Banco Central, é denominado “flutuante sujo”. A escalada das tensões entre EUA/Israel e o Irã no início de 2026 tem gerado volatilidade no mercado de câmbio, refletindo a aversão ao risco global.</p>
<p>Ambiente político-regulatório</p>	<p>Não existe regulamentação no que diz respeito ao mercado de frutas; os preços são determinados pelas condições de oferta e demanda. A regulamentação do setor está voltada, principalmente, para aspectos sobre fitossanidade, produção de mudas, zoneamento e rastreamento, definidos pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) e pelas agências estaduais de defesa sanitária. Seguem alguns exemplos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exigência de Permissão de Trânsito de Vegetais (PTV) ou Guia de Trânsito Interna de Vegetais (GTIV), emitido pelos órgãos estaduais de defesa sanitária para acompanhar o trânsito de plantas ou produtos vegetais com potencial de veicular pragas. • Sistema de rastreabilidade de vegetais frescos. A norma estabelece a obrigatoriedade de que todas as frutas e hortaliças deverão fornecer informações padronizadas capazes de identificar o produtor ou responsável no próprio produto ou nos envoltórios (embalagens). • O MAPA e as agências de defesa sanitária dos estados possuem programas e normativos para o controle das principais pragas e doenças das frutíferas, tendo como exemplos: mosca das frutas, sigatoka negra e moko da bananeira, cancro e ferrugem da videira e doenças dos citros (cancro cítrico, pinta preta, <i>greening</i>). • Regulamentações estadual e federal sobre o uso, produção, consumo, comércio e armazenamento de defensivos agrícolas.
<p>Meio ambiente - efeito das mudanças climáticas</p>	<p>As condições extremas de clima tendem se acentuar com possibilidade de ocorrência de secas mais severas e ondas de calor, aumentando o risco de perdas agrícolas. A fruticultura desenvolvida fora das bacias do São Francisco e do Parnaíba é fortemente dependente de chuvas, inclusive a irrigada, estando mais sujeita a riscos de redução da produção.</p>
<p>Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específicas para setor, existência de associações etc.)</p>	<p>Nas culturas de sequeiro, o nível de organização dos produtores costuma ser baixo. Entre os médios e grandes, que geralmente desenvolvem fruticultura irrigada, a organização é mais estruturada. No Polo Petrolina/Juazeiro, por exemplo, existe um elevado número de associações, cooperativas e instituições voltadas especificamente para o setor, como a Codevasf e a Valexport. A Embrapa Semiárido também exerce papel importante na geração de tecnologia para o setor.</p>
<p>Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazo)</p>	<p>Diante do cenário de incertezas climáticas e geopolíticas que possuem potencial impacto sobre os custos de produção, não se espera expansão da área destinada à fruticultura em 2026 na área de atuação do BNB. Os cultivos de sequeiro podem inclusive apresentar menor produtividade caso se consolide o quadro de chuvas abaixo da média. Já o Acordo Mercosul-União Europeia deverá aumentar a competitividade das frutas brasileiras no mercado europeu no médio prazo.</p>

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (Brasil). **Sistema de Acompanhamento de Reservatórios – ANA/SAR: Nordeste e Semiárido**. Disponível em: <<https://www.ana.gov.br/sar/nordeste-e-semiarido>>. Acesso em: 23 mar. 2026.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento. MDIC/MAPA/AGROSTAT: **base de dados**. Secretaria de Comércio Exterior. Disponível em: <<http://indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm>>. Acesso em: 4 fev. 2026.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO DOS VALES DO SÃO FRANCISCO E DO PARNAÍBA (Codevasf). Projetos públicos de irrigação. Disponível em: <<https://www.codevasf.gov.br/assuntos/agricultura-irrigada/projetos-de-irrigacao>>. Acesso em: 10 de fev. de 2026.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS (DNOCS). **Potencialidade dos perímetros irrigados do DNOCS**. Francisco Alberto de Oliveira; José Alfredo de Albuquerque; Waldenísia de Souza Gadelha (orgs.). Fortaleza: DNOCS, BNB, ETENE, 2012. 204 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produção Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro, 2026. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pam/default.asp?o=27&i=P>>. Acesso em: 02 de fev. de 2026.

NATIONAL OCEANIC AND ATMOSPHERIC ADMINISTRATION (NOAA). **El Niño/Oscilação Sul (ENSO): discussão diagnóstica**. Climate Prediction Center/NCEP/NWS, 12 mar. 2026. Disponível em: <https://www.cpc.ncep.noaa.gov/products/analysis_monitoring/enso_advisory/ensodisc.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A AGRICULTURA E ALIMENTAÇÃO (FAO). **FAOSTAT**. Divisão de Estatística. Disponível em: <<http://faostat3.fao.org/download/Q/QC/E>>. Acesso em: 10 fev. 2026.

SANTOS, J. A. N. dos et al. **Fruticultura nordestina: desempenho recente e possibilidades de políticas**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. 304 p.: (Série documentos do ETENE, 15).

SANTOS, J. A. N. dos; et al. **A agroindústria de alimentos de frutas e hortaliças no Nordeste e demais áreas de atuação do BNB: desempenho recente e possibilidades de políticas**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2008. 324p. – (Série documentos do Etene, n. 24).

Anexo – Fontes Hídricas dos Perímetros Públicos de Irrigação na Área de Atuação do BNB

Quadro 1 – Situação das fontes hídricas dos projetos públicos de irrigação implantados pelo DNOCS – março de 2026

ESTADO	Perímetro	Fonte hídrica- Reservatório	Capacidade (hm³)		%	Outras fontes
			Máxima	Em mar. 2026		
Bahia	Brumado	Luiz Vieira (Brumado)	105,0	63,1	60,0	-
	Jacurici	Rômulo Campos (Jacurici)	146,8	146,4	99,7	-
	Vaza-Baris	Cocorobó	246,4	170,5	69,2	-
Ceará	Araras Norte	Araras	891,0	585,7	65,7	-
	Ayres de Souza	Jaibaras (Ayres de Souza)	96,8	58,2	60,1	-
	Baixo Acaraú	Araras	891,0	585,7	65,7	-
		General Sampaio	322,2	118,1	36,7	-
		Pereira de Miranda (Pentecoste)	360,0	198,7	55,2	-
	Curu Paraipaba	Frios	33,0	23,2	71,1	-
		Caxitoré	202,0	162,4	80,4	-
		General Sampaio	322,2	118,1	36,7	-
	Curu Pentecoste	Pereira de Miranda (Pentecoste)	360,0	198,7	55,2	-
		Ema	Ema	10,4	4,3	41,1
Ceará	Forquilha	Forquilha	50,1	38,5	76,9	-
	Icó-Lima Campos	Lima Campos	66,4	28,8	43,4	-
		Orós	1.940,0	1.607,3	82,9	-
	Jaguaribe Apodi	Castanhão	6.700,0	1.583,6	23,6	-
	Jaguaruana	Orós	1.940,0	1.607,3	82,9	-
		Banabuiú	1.601,0	439,8	27,5	-
	Morada Nova	Banabuiú	1.601,0	439,8	27,5	-
		Pedras Brancas	434,0	87,2	20,1	-
	Quixabinha	Quixabinha	31,8	6,6	20,8	-
		Banabuiú	1.601,0	439,8	27,5	-
Pedras Brancas		434,0	87,2	20,1	-	
Tabuleiro de Russas	Castanhão	6.700,0	1.583,6	23,6	-	
	Várzea do Boi	Várzea do Boi	51,9	S/INF	S/INF	-
Paraíba	Engenheiro Arcoverde	Engenheiro Arcoverde	36,8	4,4	11,8	Poços amazonas
	São Gonçalo	Engenheiro Àvidos (Piranhas)	293,6	111,3	37,9	-
		São Gonçalo	40,6	26,9	66,2	-
Sumé	Sumé	44,9	6,3	14,0	-	
Pernambuco	Boa Vista	Boa Vista	16,5	0,8	4,6	-
	Cachoeira II	Cachoeira II	21,0	3,1	14,5	-
	Custódia	Marrecas/Custódia	21,6	5,6	26,0	-
	Moxotó	Poço da Cruz (Eng. Francisco Soboia)	504,0	184,1	38,1	-
Rio Grande do Norte	Baixo Açú	Eng. Armando Ribeiro Gonçalves	2.373,1	986,2	41,6	-
	Cruzeta	Cruzeta	23,6	9,1	41,6	-
	Itans	Itans	81,8	Seco	Seco	-
	Pau dos Ferros	Pau dos Ferros	54,9	10,9	19,9	-
	Sabugi	Sabugi	61,9	1,4	2,2	-
Piauí	Caldeirão	Caldeirão	54,6	S/INF	S/INF	-
	Fidalgo	-	-	-	-	Poços tubulares
	Gurguéia	-	-	-	-	Poços tubulares
	Lagoas do Piauí	Lagoa do Cajueiro	S/INF	S/INF	S/INF	Rio Parnaíba
Maranhão	Platôs de Guadalupe	Lago de Boa Esperança	1.917,0*	1.617,9	80,44	-
	Tabuleiros Litorâneos	-	-	-	-	Rio Parnaíba
	Tabuleiros de São Bernardo	-	-	-	-	Rio Parnaíba
Várzea do Flores	Flores	1.014,0	S/INF	S/INF	-	

Fonte: ANA/SAR (2026).

(*)Volume útil

Quadro 2 – Situação das fontes hídricas dos projetos públicos de irrigação implantados pela Codevasf – março de 2026

ESTADO	Perímetro	Fonte hídrica- Reservatório	Capacidade (hm³)		%
			Máxima	Em fev. 2026	
Minas Gerais	Pirapora	Rio São Francisco	-	-	-
	Gorutuba	Bico da Pedra	529,6	371,3	70,1
	Jaíba	Rio São Francisco	-	-	-
	Lagoa Grande	Rio Gorutuba, a jusante da barragem Bico da Pedra	-	-	-
Bahia	Baixio de Irecê	Rio São Francisco	-	-	-
	Ceraíma	Ceraíma	51,1	23,26	45,53
	Estreito	Estreito	65,71	36,28	55,21
		Cova da Mandioca	131,4	114,48	87,1
	São Desidério/Barreiras Sul	Rio São Desidério	-	-	-
	Piloto Formoso	Rio Formoso	-	-	-
	Formoso A/H	Rio Corrente	-	-	-
	Mirorós	Mirorós (Manoel Novaes)	166,9	19,31	11,57
	Nupeba	Rio Grande	-	-	-
	Riacho Grande	Rio Grande	-	-	-
	Barreiras Norte	Rio Grande	-	-	-
	Mandacaru	Rio São Francisco	-	-	-
	Tourão	Rio São Francisco	-	-	-
	Curaçá	Rio São Francisco	-	-	-
	Salitre	Rio São Francisco	-	-	-
	Maniçoba	Rio São Francisco	-	-	-
	Pernambuco	Bebedouro	Rio São Francisco	-	-
Pontal Sul		Lago Sobradinho, rio São Francisco	28.669*	-	84,2
Senador Nilo Coelho		Lago Sobradinho, rio São Francisco	28.669*	-	84,2
Sergipe	Propriá	Rio São Francisco e Riacho Jacaré	-	-	-
	Cotiguiba/Pindoba	Rio São Francisco, Riacho Pilões e Ribeira	-	-	-
	Betume	Rio São Francisco, Riacho Betume	-	-	-
	Jacaré/Curituba	Rio São Francisco	-	-	-
Alagoas	Itiúba	Rio São Francisco	-	-	-
	Boacica	Rio São Francisco	-	-	-
	Marituba	Rio São Francisco	-	-	-

Fonte: ANA/SAR (2026).

*Volume útil.

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:
<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE
<https://www.bnb.gov.br/etene>